

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

Arclenes Ferreira dos Santos
Aparecido Rodrigues de Oliveira

**A MEMÓRIA DA LUTA PELA TERRA INDÍGENA
DO POVO XACRIABÁ DE RANCHARIA (MG)**

Belo Horizonte
2017

Arclenes Ferreira dos Santos
Aparecido Rodrigues de Oliveira

**A MEMÓRIA DA LUTA PELA TERRA INDÍGENA
DO POVO XACRIABÁ DE RANCHARIA (MG)**

Trabalho de conclusão do Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Licenciatura em Ciências Sociais e Humanidades, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Paulo Maia

Belo Horizonte
2017

Agradecimento

Em primeiro lugar agradecemos a Deus por ter abençoado o nosso trabalho, aos nossos familiares e amigos que contribuíram diretamente ou indiretamente no nosso trabalho e por estar conosco todo esse tempo nos dando força. Agradecemos em especial os colegas de turma da CSH e as demais turmas.

As pessoas que nos concedeu as entrevistas e compartilhou seu conhecimento para nos ajudar, e que foram peças fundamentais no nosso trabalho. Agradecemos os caciques e lideranças, em especial aos mais velhos, que são as nossas bibliotecas vivas que temos em nossa comunidade.

Gostaríamos de agradecer a Dra. Maria Gorete Neto, coordenadores e secretaria do FIEI, colegiado do FIEI, aos professores pela a força e por ter nos orientados esses quatro anos, pela preocupação, pelo carinho com nós alunos nos momentos das dificuldades. Em especial também ao professor coordenador da turma CSH, Paulo Maia e os bolsistas Pedro, Bruno Duarte, Ana Paula, Guilherme Marinho e Paula Berbert pela paciência e a parceria nessa jornada.

Nossos agradecimentos a todos os funcionários da UFMG por ter nos dado todo suporte ao que precisasse, enfim a todos nós pelo bom trabalho.

Resumo

Nosso trabalho foi desenvolvido na aldeia Tenda/Rancharia no município de São João das Missões no norte de Minas Gerais, com o propósito de tornar a história do povo Xacriabá, em específico da comunidade Aldeia Rancharia, mais acessível na escola, na comunidade e principalmente para os jovens que desconhecem a história da luta pela terra. Buscando manter a história viva para que não só a geração atual, mas as futuras também possam saber que para estar ali em uma terra demarcada houve muita luta. Buscamos também mostrar o quanto as lideranças foram e são importantes nesse processo de luta que perdurou por muitos anos, Para isso realizamos pesquisas bibliográficas, entrevistas com diferentes pessoas da comunidade. Esse trabalho tem como referências principais anciões e as lideranças da aldeia de Rancharia e pretende contar a história da luta do povo Xacriabá pela terra indígena de Rancharia do ponto de vista indígena.

Palavras-chave: memória, luta, território Xacriabá, aldeia Tenda/Rancharia

Sumário

Introdução.....	6
1. Território Xacriabá.....	10
1.1 Um pouco sobre o Território Xacriabá.....	10
1.2 A luta pelo reconhecimento da primeira TI Xacriabá.....	12
2. A luta pela Terra Indígena Xacriabá/ Rancharia.....	20
2.1 História de Rancharia e como se deu origem ao nome.....	20
2.2 A lagoa de Rancharia.....	26
2.3 Em que momento surge à luta pelo TI Rancharia.....	33
3. Conquistas e desafios após a demarcação da Terra Indígena Xacriabá/ Rancharia.....	34
3.1 Atividades produtivas e usos dos recursos naturais.....	34
3.2 Práticas culturais.....	36
3.3 E,E, Indígena Kuhinã Xacriabá – Rancharia.....	38
3.4 A associação.....	42
Considerações Finais.....	44
Retomada: Ampliação Território Indígena Xacriabá.....	46
Anexo.....	49
Referências bibliográficas.....	54

Introdução

Em 2013, com incentivo dos colegas de trabalho e familiares prestamos vestibular no primeiro semestre de 2013 para o curso de Formação Intercultural Para Educadores Indígenas (FIEI), com habilitação na área de Ciências Sociais e Humanidade (CSH) na UFMG. Conseguimos passar, iniciando o curso no segundo semestre do mesmo ano.

O primeiro modulo foi tudo novidade, outro mundo. Conhecemos os outros colegas que passaram no vestibular, os professores e bolsistas da Faculdade de Educação que iriam trabalhar no (FIEI), incluindo o professor e coordenador da turma(CSH), Paulo Maia. Com uma carga horária de oito horas por dia tivemos aulas diversas durante o módulo com seminários e até a oportunidade de assistir a defesa dos colegas da velha turma (CSH) que iriam se formar e, portanto finalizando a sua trajetória no curso.

O primeiro módulo foi mais um processo de familiarização com o curso e de entender melhor o que iria nos proporcionar como oportunidade para um futuro como educadores indígenas em nossas comunidades. Todo modulo é iniciado e finalizado com uma assembléia.

Embora tenhamos tido várias conversas sobre os temas de pesquisa, desde o início do curso até o ultimo módulo, foi depois de um seminário temático que decidimos o nosso tema de pesquisa. O seminário foi realizado em setembro de 2015 e o tema abordado foi “História do ponto de vista indígena violações de direitos indígenas e a Comissão Nacional da Verdade”. Um tema que carrega a memória viva de fatos antes ocorridos. O seminário mostrou muita coisa que até então era desconhecido ao publico. Vieram vários convidados indígenas e não indígenas dentre esses destacamos o depoimento da liderançaZé de Bemvindo e o Cacique Domingos Xacriabá que nos relatou sobre os massacres que ocorreram na época em que os mais velhos, incluindo seu pai que lutaram pela terra, enfatizando a chacina que aconteceu no território que matou seu pai e outros três indígenas.

Portanto em meio a tantas informações decidimos que nossa pesquisa de percurso acadêmico seria sobre a memória da luta pela TI Xacriabá Rancharia. Posto isso decidimos fazer o nosso trabalho em dupla, antes de continuar com essa introdução, gostaríamos de nos apresentar.

Eu, Ariclens Ferreira dos Santos, sou da aldeia Tenda/Rancharia São João das Missões MG, sou graduando do FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas) da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), matriculado no curso de Ciências Sociais e Humanidade. Ingressei nesta instituição no segundo semestre de 2013. Nosso trabalho tem como tema a Memória, a luta pela Terra Xacriabá de Rancharia.

Escolhemos este tema porque vimos a necessidade de termos algo concreto para contar um pouco da nossa historia, para que essa experiência possa ser passado de geração a geração e que nunca seja esquecida ou ate mesmo levada com os nossos anciãos ao fim das suas vida.

Devemos reconhecer toda uma luta e sofrimento que os nossos anciãos passaram para que hoje tenhamos nossos direitos conquistados, e este trabalho terá como finalidade um sentimento de gratidão por ter nos proporcionado tantas oportunidades que a pelo menos três décadas atrás ninguém ouvia falar. Então queremos deixar aqui a nossa eterna gratidão, e dizer que enquanto existir união existirá cultura e onde existir esperança existirá a luta.

Nosso trabalho foi realizado a partir do material apresentado no seminário, pesquisas bibliográficas, entrevistas, e materiais apresentados no decorrer do curso nas disciplinas. Utilizamos também entrevistas informais através de conversas o que nos possibilitou ter uma ampla visão de como chegar ao contexto do qual estávamos nos debruçando no nosso trabalho.

Eu, Aparecido Rodrigues de Oliveira, sou da etnia Xacriabá. Resido na Aldeia Tenda/ Rancharia desde que nasci em 1987. Minha comunidade tem aproximadamente 328 famílias que vivem praticamente da agricultura e pequenas criações. Há pessoas da comunidade que são aposentadas e outras são servidores do Estado. Infelizmente ainda temos muitos casos de evasão dos jovens da escola e

posteriormente da aldeia indo para fora para trabalhar principalmente nas usinas de cana de açúcar, Mato Grosso, São Paulo e outros Estados.

Estudei em escola pública não indígena do primeiro ano do ensino fundamental (anos iniciais) até concluir o segundo grau completo em 2010. Sempre tive um envolvimento muito próximo com a comunidade, principalmente, como participante dos momentos comunitários e fui escolhido pelo cacique e lideranças da minha comunidade para trabalhar na Escola Estadual Indígena Kuhinã Xacriabá no ano de 2009, assumindo um cargo de (ATB) Assistente Técnico de Educação Básica. Sou casado há sete anos e tenho três filhos, sendo a minha filha mais nova especial, devido algumas complicações durante sua gestação.

Posto isso, nossa monografia está organizada da seguinte maneira: na primeira parte buscamos um pouco resgatar a história do território Xacriabá mais em específico da conquista da terra indígena Xacriabá. Nesse sentido, buscamos relatar um pouco a luta pelo reconhecimento da primeira terra indígena demarcada. Procuramos relatar também as dificuldades das lideranças para comunicarem entre si. Ainda nessa primeira parte apresentaremos as perseguições e a chacina ocorrida com nossos líderes.

Na segunda parte, nosso foco já recaiu especificamente sobre a luta pela terra indígena Xacriabá Rancharia, a qual ainda não era homologada, mas se localizava dentro do território tradicional Xacriabá. Apresentamos um pouco questões relacionadas à origem do nome Rancharia. Esse nome se deu devido à lagoa de Rancharia e seus mitos. Lagoa essa, que era ponto de encontro de viajantes e a principal referência local. Falaremos também um pouco sobre os pioneiros que iniciaram a luta e em que momento deu início esse processo da luta TI Rancharia.

Na terceira parte desse trabalho, enfatizamos as conquistas e os desafios após a demarcação da TI Xacriabá Rancharia. Território esse, que nos possibilitou desenvolver nossa cultura e usufruir da terra e seus recursos naturais. Ainda nessa parte, abordamos os desafios de implantar uma escola indígena diferenciada, uma associação indígena e água encanada na comunidade.

Na quarta parte, tratamos das considerações finais. Apontamos que ainda há Xacriabá de fora da terra, o que direciona para os problemas do território que ainda precisa ser demarcado. Inclusive, existe um movimento incessante dentro do território Xacriabá de retomada ou ampliação das terras indígenas.

1. Território Xacriabá

1.1 Um pouco sobre o Território Xacriabá

O território Indígena Xacriabá está localizado no norte de Minas Gerais e está delimitado por uma extensa região que abarca parte dos rios Itacambizinho e Peruaçu até as margens do Rio São Francisco.

Essa região habitada pelos Xacriabá tem como principais características o cerrado e a caatinga, na qual ambas possuem vegetação semelhantes, com árvores baixas, galhos tortos e raízes fundas. Alguns tipos de árvores encontradas, frequentemente, no cerrado são buriti, cagaita, articum e pequi. E na Caatinga encontram-se cactos, juazeiros, aroeiras, angico e etc.

O solo predominante nessa região constitui-se por áreas rochosas, arenosas, montanhosas e planas.

Outra característica do nosso território é a presença de animais como: tatu, capivara, onça pintada, veado, gambá, preá, entre outros. São animais que fazem parte da alimentação e outros saberes dos Xacriabá, por exemplo da medicina tradicional.

No território Xacriabá a gente tem duas estações bem definidas do ano. O tempo da seca e tempo das águas (verão e inverno). Nos período de seca alguma nascentes secam. No período das águas as nascentes voltam a brotar águas.

Na seca é o tempo que os Xacriabá começam preparar as roças, algumas são feitas em mutirão (se reúnem para fazer o serviço de um e depois de outro) assim ajudam uns aos outro; primeiro faz a derrubada do mato, depois de derrubar as melhores madeiras são reaproveitadas para fazer chiqueiro, poleiros, cercas, e para lenha. Depois de reaproveitar as madeiras é colocado fogo na roça. Depois de queimado é feito as coivaras para serem queimadas. Assim a roça esta pronta para a chegada das águas. No caso dos mutirões ao terminar é serviço vários tipos de comidas e bebidas como agradecimento.

No período das águas é época de fartura, onde começam o plantio das roças, plantam de tudo, como por exemplo, milho, feijão, arroz, batata doce, abobora, caxixi, melão, melancia, amendoim, andu, maxixo entre outras coisas. Também é época de muita água com fartura de peixe e caças.

Um marcante forte dos Xacriabá é as rezas de santo que ocorre em vários períodos do ano. Nos dias 1, 2 e 3 de Janeiro é feito o cântico dos reis nas casas do pessoal da comunidade. Então o grupo dos reizeiros saiam dia 1º de Janeiro de todo ano para cantar o reis nas casas das pessoas da comunidade, era dia e noite, passavam de casa em casa, primeiro cantava o reis e depois tinha o sambá.

Os donos das casas ofereciam para as pessoas comida, bebidas, e café. No terceiro dia finalizava na casa dos reizeiros. Cantando o reis e depois o sambá corria Souto ficava ate de madrugada com a roda de sambá. Assim era feito todo ano na comunidade.

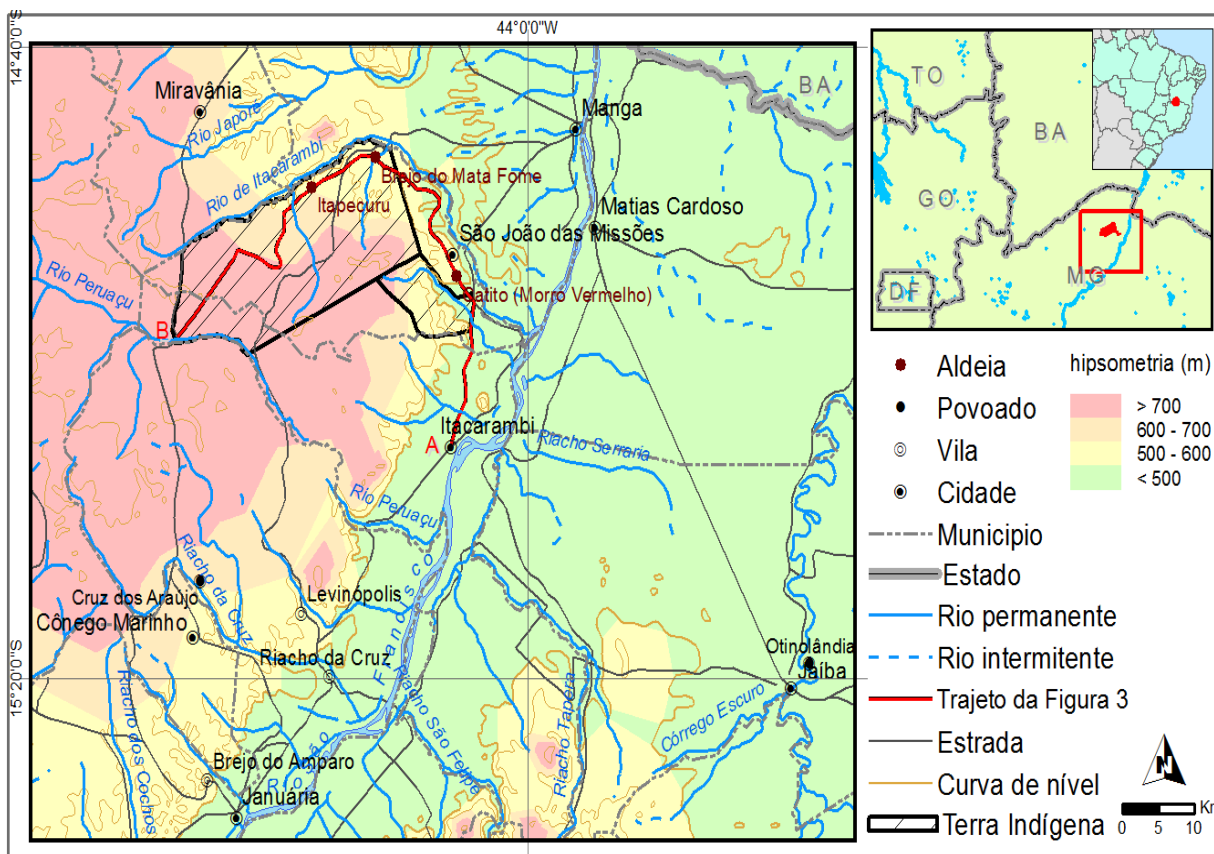
Depois das festas de reis, vem a Quaresma que se inicia na quarta feira de cinza e dura 40 dias na ultima semana no Domingo de Ramos é feito a procissão de fé, na qual sai uma criança montado em um jegue e as pessoas acompanhando de pé com ramos de plantas. Saem pelas ruas da comunidade até na igreja onde termina com uma celebração. Na ultima semana é realizado celebração todos os dias. De quarta-feira até sábado depois das celebração e rezado as ladainhas e quando é meia noite as pessoas vão rezando para o cemitério encomendar almas. Na sexta-feira da Paixão é realizado a viasacra na qual as rezadeiras e as demais pessoas passando por 14 casas encenando a morte de Cristo e por fim e feito no ultimo domingo da quaresma a ressurreição de Cristo.

No fim do mês de Agosto é realizado os festejos de São João Batista, que dura 9 dias, esses dias são distribuídos entre famílias da comunidade, onde cada família é responsável para fazer a celebração do dia. E no ultimo dia é feito uma festa de comemoração dos festejos.

Os Xacriabá são do tronco lingüístico Jê e da família Akwen, da qual fazem parte os Xavante e os Xerente. Nós Xacriabá embora estamos uma tentativa de revitalização da Língua Akwen, somos falantes de Língua português.

Posto isso descrevemos um pouco sobre o território e as principais características de como se constitui.

Diante disso todos nós Xacriabá precisamos utilizar todo o nosso território para manejar todos esses recursos.



1.2 A luta pela demarcação da primeira TI Xacriabá

Em meados do século XX o território Xacriabá se encontrava em perigo diante do aumento considerável de invasores, tais como, fazendeiros, grileiros e posseiros. Isso gerava, cada vez mais, grandes conflitos. Os Xacriabá estavam sempre se deparando com os jagunços (empregados dos fazendeiros), que estavam sempre em grupo e armados e por possuírem grande poder de fogo começaram a encurralar os Xacriabá dentro de seu próprio território, obrigando-os a trabalhar para os fazendeiros para terem o de sustento e onde morar.

Segundo relato do Cacique Domingos, os Xacriabá eram muito perseguidos pelos fazendeiros.

Os Xacriabá viviam sobre pressão e muito medo dos invasores, e a quase a todo o momento as lideranças indígenas se deparavam com situações de risco ao serem seguidos ou caçados imediatamente eram obrigados a se esconder ou até mesmo correr para se defender dos ataques dos fazendeiros.(Cacique Domingos, Seminário Belo Horizonte, 2015).

E como meio de se proteger ficavam escondidos durante o dia para ter mais segurança. Essas situações perduraram por muitos anos e não só os líderes corriam riscos, mas a sua família também.

Em meio a esses riscos as lideranças resolveram buscar nossos direitos por volta de 1960. As lideranças Xacriabá procuraram a FUNAI em busca dos nossos direitos onde começou um longo processo de reivindicação pela demarcação da terra.

As lideranças Manoel Gomes de Oliveira o Rodrigão, Laurindo Gomes, Emilio Gomes e Rosalino Gomes são considerados uns dos primeiros a tomar frente do grupo na luta pela demarcação da terra, os mesmos se reuniram e arrecadaram recursos para a primeira viagem na sede da FUNAI no Rio de Janeiro, sendo Rodrigão o primeiro a realizar essa viagem para as invasões que estavam acontecendo no território.

A partir disso, nossas lideranças passaram a ser perseguidas e ameaçadas de forma mais violenta por fazendeiros e pistoleiros. As ameaças e perseguições se

arrastaram por vários anos na disputa pela terra e, num certo sentido, continuam ainda nos dias hoje. Segundo o Cacique Domingos, em 1970 foi implantado um posto da FUNAI no território indígena Xacriabá, que oficializou a luta pela terra demarcada em nosso território. Mas isso não amenizou totalmente as perseguições e conflitos entre indígenas e fazendeiros.

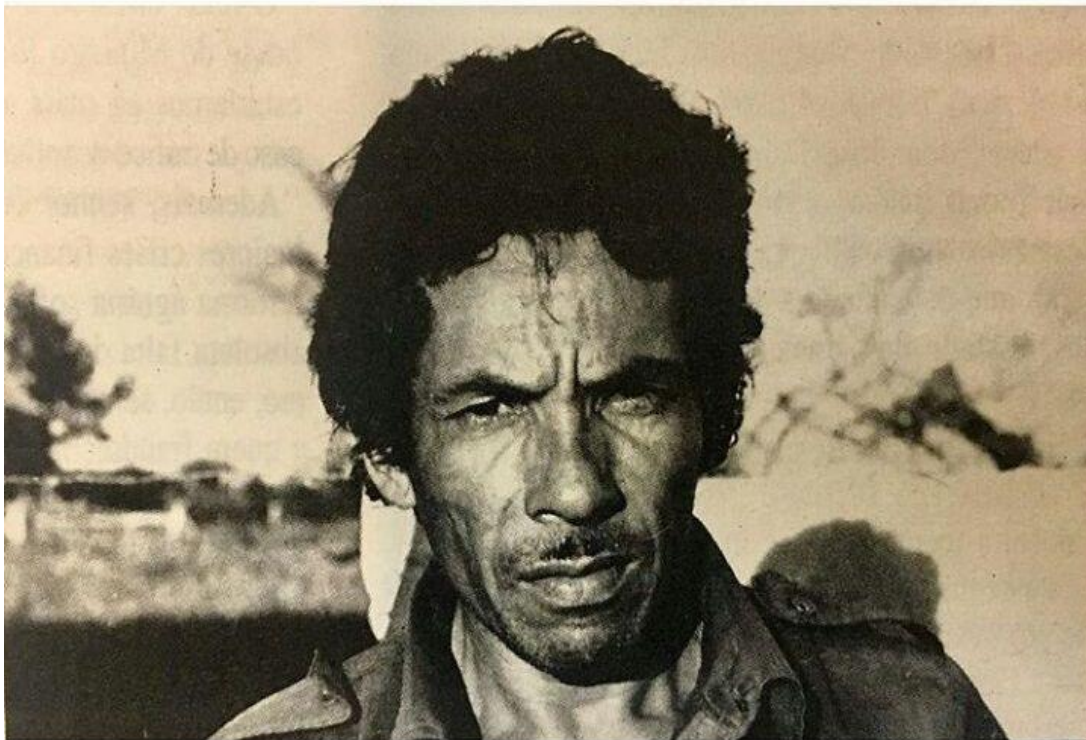
Esse período, entre 1970 e 1987, é reconhecido como o mais conturbado e violento com inúmeros ataques ao território e indígenas xacriabá. Para falar sobre esse período de intenso massacre usaremos o relato de José Pereira Lopes o José Benvindo, morador da aldeia Forges sobre seu atentado que gravamos em uma oficina de História Oral no seminário “História do ponto de vista indígena violações de direitos indígenas e a Comissão Nacional da Verdade na Faculdade de Educação (UFMG) em 2015.

Os fazendeiros e os pistoleiros viram que não tava conseguindo pegar a gente começou mexer com as nossas mulheres, nossos filhos, aí o problema tava muito serio mesmo. Aí teve um encontro na aldeia Barreiro Preto a gente soube que o fazendeiro aí né esse, então gente se organizou ficou em um lugar bem escondido esperando ele, quando ele voltou do encontro que aí passando agente fechou ele. Nisso já veio um pistoleiro e os nossos companheiros puxou ele do cavalo tomou uma arma que tava com ele e segurou ele. Aí nos fomos na casa dele aí achamos uma Carabina e mais armas, uma Carabina daquela só podia ser da autoridade, aí nos pegamos tudo e entregamos para policia federal. Quando eu penso que não eles foram na minha casa invadiu, pegou todas as minhas coisas e jogou tudo lá fora. Nesses dias estava chovendo muito, aí gente ficou sem poder ir lá, nos fomos fazendo mutirões pra enfrentar eles. Aí veio o ataque, nosso parente chamado Jezão mim chamou pra ir mais ele no casamento de uma prima, ele tava levando umas coisas e não tava dando conta, aí falei assim ainda moço eu não ia lá não, então fui com ele. Numas horas da noite os pistoleiros chegaram e a rodearam aí fizeram umas ameaças aí ficaram, aí a gente tentou sair fora mas não conseguimos mais. Quando pensa que não Jezão saiu pra pega a sanfona e nem sei se ainda pegou ela, aí sangraram ele (cortou a garganta) e quando eu rudiei ele tava lá esguichando sangue pelo corte, aí uns correndo outros gritando. Então eu falei todo mundo pode corre e minha mãe e pai ficou assim do meu lado, eu sai de perto deles pra não acerta eles e os pistoleiros foi atirando nem mim, eu tentando desviar ate nos foi dando a casa, quando eles viu que tinha mim acertado eu cai no chão e deles veio com faca, e fincou em mim eu tente tira com a mão ainda mais furou bem perto do coração. E eu continuei lutando com eles aí as bala deles caba ele para pra carregar as armas e eu aproveitei pra sai naquela hora senão eles mim matava. Mesmo com os dois tiros que eu tomei Deus mim deu força pra mim levantar e saltei uma cerca e entrei no mato e fiquei deitado sentindo sem poder gemer para

eles não ouvir, senão terminava de mim matar. Eu fiquei olhando de longe eles mim casando e depois chegou perto de Jezão e disse esse cachorro aqui já ta morto mais e o outro ai falaram assim não aquela não escapa não tomou dois tiros e uma facada. Depois ele saíram foram embora. A minha e alguns q ficou lá pelejaram pra mim levar pra algum posto médico né. Com muito trabalho chaguei ate Januaría e fui atendido junto com outro parente que foi acertado também. Ai com muita sorte não morremos. (José Benvindo, Seminário Belo Horizonte, 2015).

Uma grande revolta dos Xacriabá contra posseiros e fazendeiro ocorreu em 1986 sendo, inclusive, noticiado pelo jornal Estado de Minas 01/01/87. Em setembro, a revolta dos índios estourou: quatro mil Xacriabá, armados de rifles, revólveres, facas e ferramenta agrícolas, invadiram casas e plantações de posseiros, expulsando cerca de mil pessoas de 1.000 pessoas, entre homens mulheres e crianças. Um pistoleiro, contratado pelos grileiros, foi morto pelos índios, sendo a única vítima do conflito. Comandados pelo cacique Manoel Gomes de Oliveira, o “Rodrigão”, os Xacriabá obtiveram uma primeira vitória contra os posseiros. Expulsos da reserva, os colonos fugiram para a cidade de Itacarambi, onde foram alojados precariamente num galpão. A esta altura, funcionários da Funai já haviam comunicado a direção do órgão em Brasília sobre os incidentes na terra Xacriabá. Dez agentes e um delegado federal foram deslocados para a reserva, com a missão de proteger os índios contra qualquer ação dos posseiros.

Pode-se dizer que o ápice desse período de extrema violência e violação de direitos humanos, ocorreu com a chacina da liderança Rosalino Gomes, em sua casa, em fevereiro de 1987, por pistoleiros a mando de fazendeiros insatisfeitos com a reivindicação pela terra.



Fotografia 1 - Rosalino Gomes de Oliveira, assassinado em 12/02/87, por jagunços a mando do grileiro Amaro. Fonte: CEDI, 1990

Era noite quando um grupo de pistoleiros cercou a nossa casa fortemente armados a mando de fazendeiros para matar meu pai Rosalino Gomes. Arrombou a porta da frente, a porta do fundo. Primeiro mataram um indígena que ficava com a gente em casa com muitos tiros e depois alvejaram meu pai na porta do quarto dele também com muitos tiros e antes disso meu pai pediu a minha mãe para fugir pro mato com nos que ainda éramos criança, eu sai no meio do tiroteio vendo as balas pra todo lado e consegui correr pro mato, mais o meu irmão José Nunes não conseguiu e foi pego pelos pistoleiros e foi obrigado a arrastar o meu pai morto quase sem ter forças, mas com a graça de deus ele conseguiu, a minha mãe também foi baleada, mas o ferimento foi leve e ela sobreviveu ao ataque. (Cacique Domingo, Seminário História do Ponto de Vista Indígena, 2015).

Havia inclusive, ainda segundo Domingos, a participação também de indígenas que eram contra a luta pela terra e trabalhavam para os fazendeiros como pistoleiros ou sobre a promessa de ganharem pequenos pedaços de terra. Isso induzia à idéia de que os indígenas eram incapazes de ganhar dos fazendeiros na luta pela terra. Como informa Domingos:

No meio dos pistoleiros que naquela noite ali estavam, havia a participação até de próprios indígenas naquele ataque ocorrido que foi contratado por fazendeiros para ajudar a matar meu pai, alguns induzidos pela idéia de que os indígenas eram incapazes de ganhar a luta pela terra e outros sobre a promessa de terra e dinheiro. (Cacique Domingos Seminário Belo Horizonte,2015).

Alguns anos depois, o crime foi apurado e julgado, alguns dos pistoleiros que participaram da emboscada e cometeram esse crime foram culpabilizados. Interessante perceber a quantidade de indígenas Xacriabá que foram até Belo Horizonte acompanhar o julgamento dos criminosos.



Fotografia 1 - Os Xacriabá, no Fórum Lafayette, em Belo Horizonte, acompanhando o julgamento dos dos acusados de invasão e assassinos em sua reserva ocorrida em fevereiro de 1987. Fonte: CEDI, 1990, Celson Birro/ Diário da Tarde (set/88)

Muitos indígenas Xacriabá trabalhavam para os fazendeiros daquela região para manter suas famílias. Os fazendeiros não só achavam que os Xacriabá eram incapazes de conseguir o reconhecimento do Governo Federal pela terra, como tentavam induzir muitos indígenas que trabalhavam pra eles com a falsa idéia de

que os Xacriabá jamais conseguiriam ganhar essa causa. Por isso alguns indígenas preferiam ficar do lado dos fazendeiros que pensavam ser mais fortes.

A partir do momento em que muitos indígenas que eram pistoleiros viram que aqueles guerreiros que estavam lutando pela terra iam vencer a batalha, não tiveram outra saída a não ser sair juntamente com os fazendeiros como de fato ocorreu.

Nesse processo de luta pela demarcação da terra, não poderíamos deixar de falar de um ponto muito importante na articulação das lideranças, ou seja, dos meios de comunicação. Pra começar, esse tempo não havia luz elétrica e muito menos telefone por perto. Isso dificultava muito para as lideranças se comunicarem com os parceiros que estavam juntos na luta.

As distâncias eram muitas e tinham que andar a cavalo ou a pé por longas caminhadas para se articularem entre si e passar as informações. Como se não bastasse estavam sempre com medo de encontrar perigos, pois eram perseguidos por fazendeiros e outros inimigos. Por isso, as lideranças tinham que estar sempre em alerta para não bater de frente com os maus feitores que já andavam os procurado.

O telefone mais próximo ficava na cidade de São João das Missões, aonde as lideranças iam com muita precaução, mas eles eram marcados e não podiam ficar desprevenidos em qualquer lugar. Então era difícil utilizar os telefones para falar com alguém.

O meio mais usado era a carta via correio que apesar de um pouco demorado, chegava ao destino certo. Muitos não sabiam ler e muito menos escrever. Algumas poucas pessoas dominavam um pouco a escrita e leitura e era atrás desses que as lideranças iam para que eles pudessem escrever as cartas e assim serem enviadas para o destino. Também era utilizado o recado por outra pessoa quando não dava pra enviar carta. Foi assim que as coisas funcionaram nessa época. Aos poucos as coisas foram se ajeitando como conta o cacique Domingos:

As dificuldades eram muitas para as lideranças em tudo, para se comunicarem era muito difícil, pois não havia meio muito rápido, então a forma mais usada era por carta ou por recado, as ameaças estão acontecendo a toda hora, a FUNAI tem que tomar

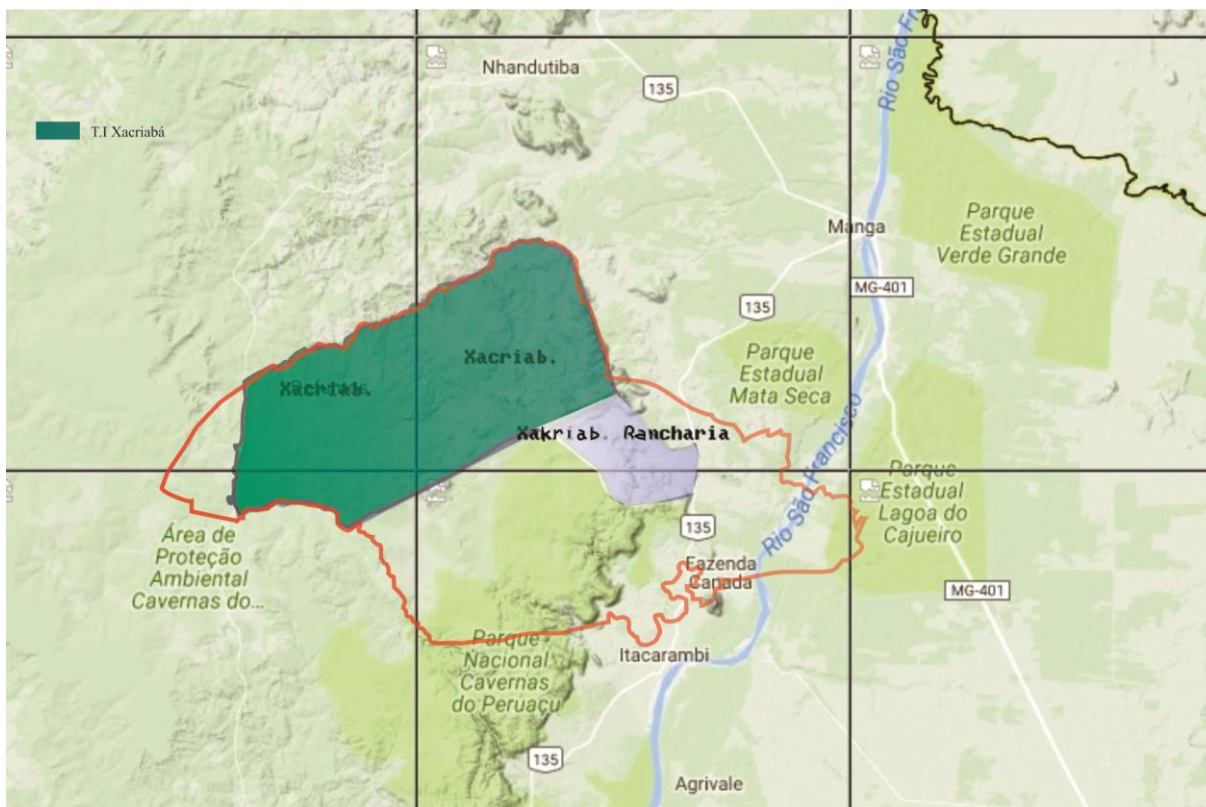
providencia antes que aconteça algo pior. Existem cartas hoje que tem de 30 a 40 anos, originais que foram resgatados do CIMI, cartas que informa um pouco de tudo que acontece na comunidade, a rotina do dia-a-dia, como os acontecimentos de conflitos e informações sobre a comunidade as atividades produtivas os mutirões nas roças entre outros.(Cacique Domingos, Seminário Belo Horizonte 2015).

O cacique Domingos em sua fala retratou um pouco de como eram as estratégias que as lideranças utilizavam para se comunicar. As comunicações internamente eram feitas através de encontros e quando não possível comunicavam-se através de recados.

O dia a dia do nosso povo sempre foi de muita luta e trabalho pesado. Mesmo sobrepostos a tantas situações de risco ainda sim viviam. Sobreviver em tempos muito difíceis era mais que um desafio para o povo sofrido que nunca perdeu as esperanças de serem donos da terra tão sonhada e almejada, onde o principal objetivo sempre foi ter a posse do território onde cada vez mais invasores chegando e querendo mais. A terra sempre foi motivo de luta, pois sempre foi o bem mais precioso do nosso povo. A terra é quem nos dá a chance de sobreviver.

Sempre se articulando, Viajando para Brasília, Governador Valadares na luta. Reivindicando nosso direito a homologação da terra indígena Xacriabá, finalmente foi aprovada no mesmo ano da chacina ocorrida, na qual a liderança Rosalino Gomes. Principal alvo dos pistoleiros e outro indígena foram mortos covardemente.

Após tudo isso, no dia 14 de abril de 1987 o presidente José Sarney assina decreto nº 94.608, homologando a Terra Indígena Xacriabá, localizada no Município de Itacarambi na época, Minas Gerais (DOU,15/07/87).



Mapa - da 1ª A.T.I indígena. A área verde representa a terra Xacriabá homologada em 87. Ano 2017
 Fonte, FUNAI

“Concluía-se assim, parcialmente, um longo processo que já reconhecia o erro de ter excluído Rancharia e uma série de famílias indígenas relacionadas a esta região. Desde os anos 70, os documentos de reivindicação do grupo encaminhados à Funai expressavam a vontade de uma unidade política na busca de soluções territoriais, mas eram trazidos por comitivas constituídas por representantes de localidades distintas. Entre estes se destacavam Brejo do Mata Fome (onde situa-se o Posto Indígena) e Rancharia. Por ocasião dos estudos de identificação e delimitação da terra indígena Xacriabá, instituídos pela Portaria n.º 424/E de 3 de agosto de 1978, Rancharia não foi incluída, sobrevivendo daí uma pressão fundiária sobre a mesma. Curiosamente, este estudo considerou Rancharia e adjacências como área Xacriabá e realizou recenseamento de pessoas moradoras de lugares relacionados à Rancharia, totalizando 51 famílias, distribuídas em Caatinginha, Sítio, Morrinho, Barreiro, Catito e Boqueirão 30. Apesar de estar inserida nos estudos gerais de 1978, a área de Rancharia é excluída do perímetro da terra indígena”. (Almeida, 2005, p.20)

2. A luta pela Terra Indígena Xacriabá/ Rancharia

2.1 História de Rancharia e a origem de seu nome

Nessa parte do trabalho, falaremos um pouco sobre a história e como se deu o nome de Rancharia.

Por volta da década de 40, a estrada passava na beira da lagoa, os viajantes que passavam por lá paravam e pernoitavam para descansar, alimentar-se e dar água os animais, e seguiam no dia seguinte. Não muito próximo da beira da lagoa, havia dois pés de juazeiros.



Fotografia - 3 Pés de Juazeiro, Aldeia Tende/ Rancharia, 2017

Fonte, Ariclens Ferreira

Então todos que paravam por lá ficavam acampados debaixo dos pés de juá. Todo ano no mês de junho são realizados os festejos de São João Batista, então nessa época já aconteciam esses festejos.

Os mais velhos dizem que principalmente nesse período de festas juninas a movimentação de gente que passavam pela estrada, entre outros que passavam destacam os remeiros que iam para São João das Missões para as rezas, e esses ficavam todos por lá, por ficarem sempre debaixo desses pés de juá, o local ficou sendo um arrancho (lugar de descanso, ou de acampar), que era sempre usado por eles. Devido isso o fato de arrancharem sempre próximo da lagoa, os cabocos mais velhos(termo usado por alguns para se referir a nos indígenas), colocou o nome no lugar de Rancharia. Como relata o senhor José Benício.

É ela foi colocada esse nome de Rancharia, por que ficava muita gente repousando debaixo dos pés de juazeiro e ali era chamado de arrancho, mais ou menos na década de 40 o pessoal vinha a cavalo a pé e por ali mesmo parava para descansar, dar água os animais fazer comida e outras coisas. (José Benício de Abreu Aldeia Tenda, 2015)

Entre esses viajantes já citados pelo Sr José Benício, também passavam por ali outros viajantes com pequenas cargas, como cita a Sr.^a Maria das Graças.

Vinham os cargueiros, traziam coisas na garupa dos animais. Tinha deles que arranchava dormia ali para no outro dia chegar em Missões, para ir para a festa, é o que estou te falando a estrada era cavada, era planada por causa disso de tanto passar gente naquela época. Então o povo arranchava tudo ali. Com isso ficou o nome de Rancharia". (Maria das Graças Aldeia Tenda 25-08-2015)

No entanto até tentaram mudar o nome para, como por exemplo, "Alto Bonito". Os mais velhos não deixaram, além disso o povo não acostumou com esse nome, então ficou sendo Rancharia. Como conta a Sr.^a Maria das Graças.

"Antigamente tinha algumas pessoas que queriam mudar o nome de Rancharia, A minha avó..., meu tio Domingo, o velho Agustinho não deixou não e nem o senhor Jontono, disseram que não podia mudar, por que esse nome foi dado pelos caboco (como chamavam os índios da região), os primeiros que chegaram aqui". (Maria das Graças Aldeia Tenda 25-08-2015)

Segundo os mais velhos assim foi por muito tempo, por isso ficou o nome de Rancharia.

Por volta de 1940 a 1960 começaram a chegar algumas famílias que foram construindo suas casas primeiramente aos arredores da lagoa. Conforme o relato de Dona Antonia Lopes as famílias que se instalaram nessa época foram:

Tereza de Zé dos Reis, Joana de Zé de Anrrico, Antonio Felipe e madalena, Sulina, joaninha, Tomás Gomes e Maria pereira, Caetano Gomes e Rosalina Rodrigues, Felipe e Isabel. a velha Aninha mais o velho Augustinho o velho Jontono e Carmela. Ali era o pai do finado Messias, e Chicão que morava lá no alto, onde Augusto mora eu me lembro de uma velha Roberta ela que morava ali e era o povo de Dominginhos mesmo, Zé de Cirnando que era o marido de Rôcha. a finada Arcanja, Manoel e Binú também já morava ali. (Dona Antonia Lopes Aldeia Tenda Rancharia, 22/08/2015)

Nossos mais velhos já usavam a terra para plantar seus alimentos e faziam usos da lagoa das matas, os brejos, as vagens como fonte de subsistência, tinham liberdade, plantava as suas roças, coletavam suas frutas nativas, caçavam e pescavam, entre outras atividades. Os rituais mais fortes eram praticados livremente em um “terreiro” (local de dançar), que ficava no caminho da roça, ao lado de um pé de umbu. Os participantes reuniam freqüentemente, fazia os preparatórios e iam dançar o Toré, Nesse tempo não havia interferência de pessoas branca, que segundo os mais velhos não podem ver e nem participar do momento.

Contam que vivia assim independente, e vêem a lagoa como uma presença muito viva na comunidade, que temos que cuidar, pois se não fosse pela lagoa de Rancharia a comunidade talvez não existisse.

2.2 A lagoa de Rancharia

Como gostam de contar os mais velhos, antigamente, a lagoa de rancharia ela era limpa e muito funda, tinha muitos peixes. Diziam também que nela moravam a mãe d'água e caboco d'água. Ao seu redor tinha muitas matas com arvores de grande porte. Segundo eles a lagoa tinha conexão com o Rio São Francisco por meio de um sumidor.



Fotografia 4 – Lagoa da cheia, comunidade da Rancharia Aldeia Tenda, 2015

Fonte, Reginaldo Gomes

Os Xacriabá viviam lá praticando os rituais, as danças e brincadeiras usavam a lagoa para pescar, tomar banho, beber, cozinhar, lavar roupas e dar água os animais. Ela permanecia cheia durante o ano todo, devido algumas nascentes que deságuam nela. Essas nascentes estão localizadas nas serras de Rancharia.

Há relato sobre história ali acontecido, muitos dos mais velhos tinham certo receio de deixarem as crianças irem para a beira da lagoa devido histórias sobre o caboco d'água a mãe d'água e por causa do sumidor. Eles contam a história de um vaqueiro que desceu para dar água o cavalo e sumiu dentro da água, e que teria aparecido no Rio São Francisco. Na fala da Sr.^a Maria das Graças.

láíá (avó) falava que o vaqueiro desceu para da água o cavalo, ai ele sumiu, pois ali dentro da água tinha um sumidor que saia lá no Rio São Francisco, nunca mais o vaqueiro voltou. Ali naquela lagoa era onde a mãe d'água morava, pois ela quase pega Maida a menina de Rôxa, lá no posso que ficava no fundo da casa de Antonia, foi por um trisco, ela pegou a perna dela e queria puxar ela para o meio da lagoa, aí ela deu jeito lá e conseguiu escapar dela, assim foi o que saiu falando naquele tempo. Os pais não gostavam que os filhos banhassem na lagoa. (Maria das Graças, Aldeia Tenda, 2015)

A lagoa permaneceu abundante por muito tempo, e aos poucos pessoas brancas e fazendeiros que eram de fora foram chegando se instalando, e a ocupação próxima à lagoa foi tornando mais frequente. A partir daí as coisas foram mudando, começaram a desmatar em torno da lagoa para construírem suas casas.

Quando era só nós aqui num tempo passado, a gente vivia assim independente e tinha outras vivencia que andava aqui sem que ninguém via, a lagoa não secava para você ver quando esse povo lá de fora chego aqui e viu a riqueza daqui de Rancharia tudo mudou. Esses encantos ou os segredos foram tudo embora. (Dona Antonia Lopes, Aldeia Tenda Rancharia, 2015).

Daí por diante a vida das poucas famílias que ali moravam, foi mudando aos poucos por que o lugar logo se tornou uma pequena comunidade com gente de vários lugares, e as famílias que já moravam ali também foram crescendo.

Com isso toda a vivencia foi mudando, começou aparecer os lixos, iniciando um processo de poluição da lagoa e degradação do solo. Fazendo com que a lagoa secasse mais rápido do que o normal e cada vez mais diminuindo os peixes e animais que em volta da mesma se alimentavam, segundo relatos dos mais velhos ali viviam a mãe d'água e caboco d'água que a partir do momento em que a lagoa começou a secar eles foram embora e nunca mais ouviu falar-se deles.

As danças e rituais já não eram feitas mais com tanta freqüência, e quando era feito, tinha que ser às escondidas onde somente as pessoas que participavam podiam saber daí marcavam em determinado lugar, normalmente era feito na casa

de alguma pessoa do grupo, os chamados Cabeças, O terreiro deixou de ser um pouco mais usado, por ser um lugar muito sagrado para nós, no qual eram praticados os rituais mais fortes (quando referimos aos rituais mais fortes, estamos falando de alguns rituais praticados pelos Xacriabá, em específico o Toré).

Posto isso, por volta da década de 60 a 70. A lagoa chegou ao seu ponto mais crítico vivenciado nessa época, onde ela acabou secando completamente, a comunidade ficou muito preocupada por que nunca havia acontecido de ela secar, para todos foi um triste acontecimento.

Por volta da década de 70 logo após a lagoa ter secado, abriu-se uma cisterna dentro da lagoa, para que as pessoas da comunidade pegassem água. A cisterna foi aberta a pedido do padre Geraldo, esse padre veio da Alemanha para o povoado de Jacaré, atual cidade de Itacarambi. Marcaram o lugar e começaram a cavar até dá na água. E a comunidade se serviu com essa cisterna ate a lagoa encher novamente.

Quando a lagoa começou encher a água começou a entrar na cisterna. Ate cobri-la por completa, depois disso aconteceu uma explosão d`agua na cisterna. Apresentamos abaixo um pequeno trecho da entrevista realizada com a Sr^a. Antonia Lopes antiga moradora de Rancharia.

Tinha uma cisterna na lagoa que o padre Geraldo pediu pra abrir, um dia que eu desci que fui pegar a água, era de tardezinha eu desci lá na lagoa peguei a água enchi a vasilha e sai. Eu ia rodear pelo fundo eu tinha que passar de junto da cisterna, aí eu peguei e falei não vou passar por ali e sai aqui pela estrada mesmo quando eu fui saindo de junto, onde é que tem aquele peção de braúna eu ouvi aquele estouro quando eu olhei menino, da altura que era o pé de braúna subiu aquele cano de água da grossura que era a boca da cisterna, subiu para cima e foi espalhando aquela água e a terra rachou de cá da cisterna em direção a casa do finado Dominginho.(Dona Antonia Lopes, Aldeia Tenda Rancharia, 2015).

Devido o fato ocorrido nessa cisterna, alguns pais proibiam seus filhos de passar perto, pescar, de tomar banho no local da cisterna. Mas com o passar dos anos ela foi entupindo ate sumir. Hoje não há mais nem um vestígio dela.

A lagoa continuou em processo de degradação depois que ela voltou a encher com as chuvas, pois os cuidados com ela já não era mais os mesmos, a super lotação em volta da lagoa trouxe muitas conseqüência pra comunidade.

2.3 Em que momento surge à luta pela TI Rancharia

Assim que se formou a comunidade Rancharia, a maior parte das terras ficou em posse de fazendeiros. Com isso os primeiros moradores que ali habitavam foram ficando sem terra para fazer suas roças, produzir seus alimentos e trazer sustento para suas famílias. A cada ano que passava esse número de fazendeiros aumentava e os Xacriabá foram perdendo suas terras e, conseqüentemente, seus costumes.

Então tendo em vista de que estavam cada vez mais perdendo espaço em seu próprio território algumas pessoas começaram a questionar. Eram todos muito simples e em seu modo de pensar. Os brancos que chegavam cercavam grandes áreas de terra o quanto pudessem. A terra era dos indígenas, mas para os brancos a terra não tinha dono.

Grandes porções de terras ficaram em mãos de fazendeiros que cercavam muitos hectares de terra para criar seus gados e outras atividades. Os indígenas foram ficando encurralados apenas com pequenos pedaços de terra, uns com menos e outros com mais. E não havendo mais pra onde ir foram ficando cercados pelos fazendeiros e outros ocupantes.

As famílias foram aumentando e a necessidade de espaço para diversas coisas relacionadas à terra, inclusive para construir, foi ficando cada vez mais difícil e como se não bastasse, os fazendeiros ainda estavam querendo comprar de qualquer forma os pequenos terrenos dos indígenas que ainda moravam ali chegando a conseguir de alguns. Outros que se negaram a vender sofreram ameaças mas resistiram fortemente contra a tirania dos fazendeiros não perdendo sua terra, como diz Maria Angela.

Na época meus pais "Manoel Gomes e Benedita Rodrigues(Binu). Tinha um pedaço de terra até grande, que ele criava seus animais e era pra dividir entre seus filhos também por que terra tava ficando difícil. As terras limites com as terras dele era do fazendeiro Zé de Tinhô que queria por que queria comprar as terras de pai mais ele não quis vender não e pra que moço o fazendeiro ficou brabo

enraivado e até ameaçou pai querendo tomar as terras dele, mais ele não conseguiu não, pai ficou firme e resistiu às ameaças. O fazendeiro chegou ate fechar algumas cancelas pra gente não passar, sei que foi difícil. Dai foi o tempo que começaram a correr atrás da demarcação das terras e um tempo depois saiu a demarcação e ele foi embora. (Maria Ângela. Filha de seu Manuel de Binú. Aldeia tenda Rancharia, 2016.)



*Fotografia 5 –Sr. Manoel Gomes Marido da Sra. Benedita Rodrigues, com seus parentes reunidos
Fonte, Ediney de Jesus*

A Sr^a Maria Ângela retrata uma época em que a terra não era reconhecida e foi quando o fazendeiro Zé Tinhô estava querendo comprar as terras de algumas pessoas que fazia limites com as terras dele, chegou a comprar de algumas pessoas. Mas outras como seu Manoel de Binú negou a vender sua terra pois era a garantia que tinha para seus filhos quando ele morresse, segundo sua filha M^a Angela, esse foi um dos episódios que aconteceram no período em que a terra ainda não tinha sido reivindicada pelo povo. Esses acontecimentos foram muito importantes para os Xacriabá de Rancharia por que mostra a resistência contra os fazendeiros.

A comunidade já estava totalmente sem liberdade e se sentindo pressionados, com medo de perder o pouco de terra que ainda tinha em mãos. Então, como já havia um processo de luta pelo reconhecimento da primeira terra Xacriabá, algumas pessoas reuniram-se e decidiram lutar pelo reconhecimento da TI Xacriabá Rancharia, começou a tomar as primeiras providencias.

Na década de 80, Robertino Correa Lacerda e Madalena Gomes de Oliveira, foram os que fizeram as primeiras conversas particulares entre se e com os velhos anciões. Por sentirem incomodados com o fato de que os Xacriabá de Rancharia estavam ficando sem terra. Segundo Cacique Antonio Possidônio.

Robertino estava sempre falando na questão do território, e não gostava muito da questão de que o território estava quase todo em mãos de fazendeiros, sempre mim perguntava se era possível um dia a terra que é nossa estar em nossas mãos um dia. (Antonio Possidônio. Aldeia Boqueirão 05-06-2016.).

Robertino Correa é filho de Arnaldo Ferreira, que era um dos Anciões da comunidade. Madalena Gomes é filha de Tomás Gomes que também era um dos Anciões da comunidade na qual os dois faziam parte do grudo de ritual mais forte o Toré.

Esse período da década de 1980 a 90 estavam sempre articulando entre se, e amadurecendo a idéia de iniciarem a retomada do território. Para isso eles faziam as reuniões sempre às escondidas, pois tinham medo de que essas articulações chegassem aos ouvidos dos fazendeiros.

Em 1986, Robertino veio adoecer, mas nem mesmo isso foi motivo de fazê-lo desistir. Cientes que queriam o território de volta, em 1991 decidiram fazer a primeira viagem a Governador Valadares na sede da FUNAI, para reivindicar o reconhecendo pela terra. Devido à falta de recurso se reuniram e pediram ajuda dos anciões de algumas pessoas da comunidade.

Após arrecadarem o recurso, Robertino Correa e Madalena Gomes fizeram a primeira viagem. Como relata o Cacique Antonio Possidônio.

As dificuldades eram muitas pra começar, condições financeiras a gente não tinha, mais a gente sabia que tinha que ir ate Governador Valadares na sede da FUNAI, então pedimos ajuda só as pessoas que já sabiam e queriam permanecer como indígena, para fazer a primeira viagem, todos ajudaram no que puderam, um

pouco de dinheiro entre outras coisas, mas com tudo só dava pra ir duas pessoas então foi Robertino e Madalena ate Valadares. (Antonio Possidônio. Aldeia Boqueirão 05-06-2016).

Depois que eles voltaram da primeira viagem o povo da comunidade e os fazendeiros já estavam sabendo. Com isso surgiu às perseguições dos fazendeiros contra os lideres do grupo. O resultado não foi o que a gente tava esperando, pois não voltaram com uma resposta assim concreta da sede FUNAI, em Governador Valadares.

Posto isso, os fazendeiros começaram ameaçá-los de morte. A princípio ficaram meio receosos com medo. Mas mesmo assim todos os envolvidos concordaram em continuar com a luta.

Nesse meio tempo Dona Madalena Gomes de Oliveira começou a sentir problemas psicológicos, devido isto veio a se afastar do grupo. Então Robertino Gomes por estar sozinho nas articulações decidiu juntamente com os Anciões, chamar Antonio Possidônio para estar junto ao grupo. Por sua vez Antonio também é filho de uma das anciãs da comunidade, Dona Tereza Maria.

Assim deram continuidade na luta, depois de mais algumas conversas decidiram retorna a Governado Valadares, se reuniu para arrecadar recursos novamente para viajarem. Segundo o relato de Antonio Possidônio que apresentaremos a baixo, ele e Robertino Gomes fizeram esta viagem, na qual de Governador Valadares, seguiram para Brasília.

Mas mesmo assim não desistimos voltamos novamente com a ajuda da comunidade ate Valadares dessa vez eu Antonio Possidônio e Robertino, moço pra gente sai pra pegar o ônibus foi o maior sacrifício, pois os fazendeiros já estavam sabendo que a gente tinha dado entrada com a retomada da terra, tivemos que passar escondidos pelos carreiros na mata para eles não saberem que a gente tava indo, então fomos pegar o ônibus bem longe daqui de Rancharia. Assim fomos, chegamos lá né, conversamos com o representante da FUNAI mais uma vez. Explicamos o que a gente foi fazer lá que queria reivindicar o direito a terra, dessa vez falaram pra nos que teríamos que ir ate Brasília. Bem assim fizemos, mas ai foi o problema por o dinheiro que a gente tinha dava pra vir só ate Governado Valadares, ai pensamos logo vamos pedir ajuda qual quer um que a gente achava e conseguimos um pouco, a gente explicava por que nos estávamos pedindo. Seguimos de Governador Valadares pra Brasília ate a sede da FUNAI, pegando

carona aqui ali ate chegar em Brasília. Nesse tempo vários povos estavam lutando pelo mesmo motivo. Chegando lá fomos ouvidos na sede da FUNAI em Brasília, podemos colocar novamente o que a gente tava querendo né que era a terra mesmo ai a coisa deu andamento. (Antonio Possidônio,Aldeia Boqueirão, 2016).

Ao retornarem reuniram-se às escondidas com a comunidade para passar as informações sobre a viagem. Da qual tiveram bons resultados. Então a luta continuou.

Masaconteceu uma coisa que deixaram todos muito tristes a liderança Robertino Gomes veio a falecer, ficando apenas Antonio Possidônio a frente da luta. Antonio continuou com as andanças, mas estava se sentindo muito só, principalmente nas viagens que era mais complicado e esta precisando de mais companheiros.

Então ele pensou e reuniu os sábios e passou a sua situação, os sábios a apoiou em decisão dizendo ser uma boa idéia uma vez que ele estava indo só nas viagens, Antonio procurou seus primo Dito e Bacá, Eudito Gomes disse a ele que não estava preparado para enfrentar esse luta, e Osvaldo Gomes disse a ele que não dava pra ele estar junto principalmente por ele esta de saída com sua família pra outro lugar, Antonio ainda tentou com outra pessoa que foi o Agenor Lopes atual cacique que por sua vez também disse que não dava inclusive por ele estava prestes a sai para outro estado para trabalhar no corte de cana.

Antonio mesmo fazendo as reuniões e as viagens o mais escondido possível os posseiros estavam ficando sabendo, então perseguições e as ameaças estavam sempre constante.

Zé Tinhô vendo que eu não ia desistir mim ameaçou ainda mais, fiquei sabendo por pessoas da comunidade que estavam sempre mim alertando das ameaças dele, chegou a dizer assim, uma já havia desistido o outro tinha morrido, e comigo ele mim matar e arrancar mau cora para pendurar no meio da comunidade para o povo ver que estava mexendo.(Antônio Possidônio, Aldeia Boqueirão, 2016).

Algumas pessoas da famíliae outras da comunidade chegaram a pedir para Antonio Possidônio desistir dessa luta por que estava correndo mito perigo, mais ele dizia que não ia para que se fosse pra ele morre ia morrer lutando, e assim foi em

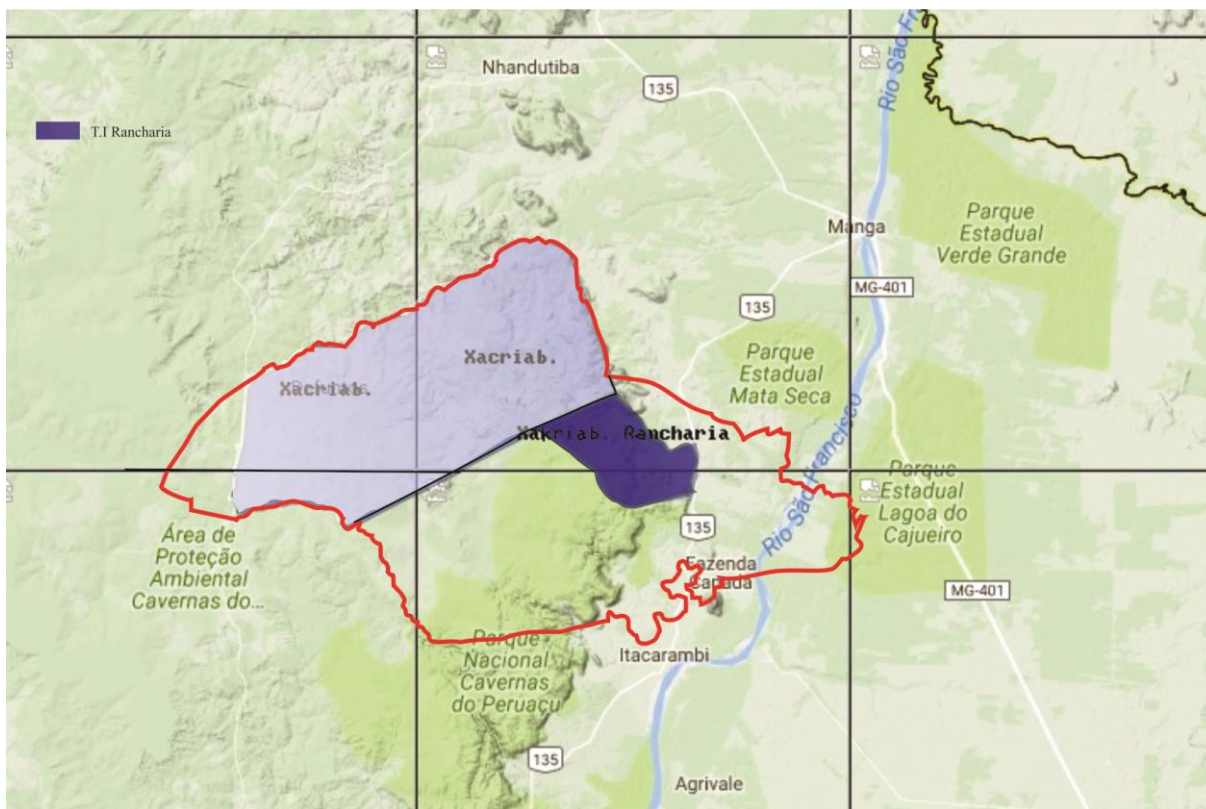
frente sempre com muito cuidado, para ir as viagens ele passava pelas matas e ia pegar o ônibus muito longe de Rancharia, para voltar fazia do mesmo jeito. Na comunidade ele ia com muito cuidado para não ser visto pelo fazendeiro. Para trabalhar ele tinha passar em “terras” de fazendeiro, então estava sempre em constante perigo.

Depois de varias viagens finalmente o ministério publico e a FUNAI enviaram Marcos Paulo, Ana Flavia e outros antropólogos para fazer o estudo da terra. Nesse meio tempo alguns que haviam saído já tinham voltado para comunidade, então Antonio Possidônio reuniu os sábios e comunidade para criar um grupo de lideranças, que foram compostos pelas seguintes pessoas, Agenor Lopes, Genivaldo Possidônio, Silvino Nunes, Geronimo Alves entre outros. Que inclusive esteve junto com o grupo de trabalho que estava realizando os estudos da terra.

Antes de iniciar os estudos da terra, as lideranças fizeram uma reunião com todo comunidade para explicar como seria realizado, ao mesmo tempo decidiram quais pessoas estariam junto com eles pelo território, então escolheram alguns sábios e lideranças da comunidade.

Finalmente depois de rodar por algumas casas dos mais velhos e todo o território fazendo os estudos, em 2002 a Terra Indígena de Rancharia foi demarcada, imediatamente as lideranças novamente se reuniu montou um mutirão para abrir a picada nas delimitações da terra.

Depois de uma longa trajetória a TI Xacriabá/Rancharia foi homologada em 05 de Maio de 2003, com aproximadamente 6.798 hectares.



Mapa 2- T.I indígena. A área roxa representa a terra Xacriabá/ rancharia homologada em 2003. Ano, 2017
Fonte, FUNAI

Atualmente na comunidade de Rancharia/ Aldeia Tenda, reserva Xacriabá vivem aproximadamente 350 famílias que dependem de toda a terra para utilizar de todos dos os recursos que ela nos oferece.

3. Conquistas e desafios após a demarcação da Terra Indígena Xacriabá/ Rancharia

3.1 Atividades produtivas e usos dos recursos naturais

Depois da homologação da terra de Rancharia podemos ver claramente muitas melhorias, podemos ter mais liberdade, além disso essa conquista nos possibilitou de ir atrás de outros direitos, como educação saúde e outros mais.

Na área da agricultura podemos cultivar livremente, todos passaram a ter um lugar para plantar suas roças, por antes da demarcação tínhamos que pedir terra para plantar aos fazendeiros e tudo que dava tinha que ser dividido ao meio, como se não bastasse tínhamos que plantar o capim junto com o mantimento, sendo obrigados a procurar outro lugar para plantar no ano seguinte.

Com a conquista da terra melhorou muito, na seca todas as famílias começam a preparar suas roças, algumas são feitas em mutirão (se reúnem para fazer o serviço de um e depois de outro) assim ajudam uns aos outros; primeiro faz a derrubada do mato, depois de derrubar as melhores madeiras são reaproveitadas para fazer chiqueiro, poleiros, cercas, e para lenha. Depois de reaproveitar as madeiras é colocado fogo na roça. Depois de queimado é feita as coivaras para serem queimadas última etapa. Assim a roça está pronta para a chegada das águas. No caso dos mutirões ao terminar é servido vários tipos de comidas e bebidas como agradecimento. Quando chegam as chuvas plantam de tudo, como por exemplo, milho, feijão, arroz, batata doce, abóbora, caxixi, melão, melancia, amendoim, andu, maxixo, melancia entre outras coisas.

Tivemos também acesso total a lagoa para banhar, pegar, água, pescar, por incrível que pareça as partes melhores da lagoa para pescar ficava do lado dos posseiros, hoje não buscamos projetos de recuperação da lagoa para ela não acabar, pois ainda é um ponto muito forte na comunidade.

O pequi umbu e outros tipos de frutas nativas nas épocas das águas dão com muita fartura, e era uma das coisas que não podíamos usufruir muito por que ficavam nas terras dos posseiros, eles preferiam que os animais comecessem do que o

povo da comunidade, então perdia muita coisa, e isso foi é alguns dos recursos que tivemos depois da terra em nossas mãos, rodamos por todo o território em busca dessas coisas, saem todos grandes, velhos e pequenos também vão buscar essas frutas.

A água também entre outras, era um dos problemas da comunidade, por antes não tinha água encanada nas casas de todo mundo, as pessoas tinham que pegar água em outros lugares para abastecerem suas casas, a terra também nos possibilitou ir atrás dos órgãos públicos para trazer entre outras coisas o saneamento básico para comunidade. E hoje temos de certa forma um suporte que ainda não da conta de atender todos mais sim uma boa parte. Hoje temos aproximadamente 2 km de encanação com água na comunidade.



Fotografia 6 - Plantação de feijão da arranca, Aldeia Tenda/ Rancharia, 2015

Aparecido Rodrigues

Fonte,

3.2 Práticas culturais

A comunidade de Rancharia/ Aldeia Tenda, há muito tempo até antes mesmo de a terra se tornar reserva indígena ou de chegar gente de outros lugares, era praticado com muita frequência a cultura mais forte os costumes sem medo de outros interferirem como diz os velhos.

No tempo que nós morávamos no Furado do Meio era muito bom, só tinha gente conhecida era tudo da nossa família mesmo, naquele tempo pai Tomais e os outros iam para dançar o ritual, vinha todo mundo e dançava, dançava e não tinha ninguém para a cúria “observar”, nos era pequeno não podia participar e ficava olhando de longe para não atrapalhar. Pai falava o ritual é coisa fina seis pequeno não pode ficar perto, nem ficar bagunçando na hora. Falava também que gente branca não pode ver. Até essa época era feito assim quase sempre, aí foi crescendo, crescendo o lugar e as coisas foi mudando, chegava uma gente estranha de tudo quanto é jeito, por isso foi enfraquecendo assim, e teve um tempo que eles até reuniam mais era escondido mesmo, sem ninguém saber, também os velhos foi indo “falecendo” né aí tinha que ficar um tempo parado, sem praticar o ritual, e assim foi indo. (Maria Rosa, Aldeia Tenda/Rancharia, 2016).

Os mais velhos atribuem o adormecimento de certa parte da cultura a esse fato, por que além da presença dos fazendeiros a comunidade estava crescendo cada vez mais, com isso os mais velhos estavam se recuando deixando de praticar e de ensinar a cultura, só depois que a terra passou a ser terra indígena e as coisas mudaram um pouco, assim voltaram parcialmente a fazer os rituais mais fortes ainda com um pouco de receio, mas com relação às danças e brincadeiras passaram a fazer parte do cotidiano do povo novamente, e mais recentemente devido à idade esta mais avançada, alguns dos mais velhos estão dispostos a passar um pouco do sabem para alguns dos mais novos, como diz Antônio, a seguir.

Ah! Rapaz, depois que o negócio da terra saiu mesmo aí ficou bom né, o povo que tava de fora, saiu tudo, só Dominginho e Gilmar que o povo deixou ficar com muita peleja “muito trabalho”, Gilmar até que não mas Dominginho foi mas complicado, por que ele era vaqueiro de Zé de Tinhô a muito tempo né, mas acabou ficando por causa da veia Maria sua mulher que é índia apurada. Moço quando a terra veio pra nós tudo melhorou um pouco né, a gente conseguiu escola, posto de saúde, associação e outras coisas mais. A cultura a gente já tava parado um tempo né, por causa disso e dos mais velhos que tão indo embora, aí tem que ficar um tempo sem fazer o ritual, mas as brincadeiras, as rodas de dança, as reunião que a gente fazia antes voltou né, a gente passou a reunir mais, era lá na

casa de “Binú” Benedita Rodrigues, na casa de João Alegre também, e em outros legares também né. Sei que ficou bom. Nas escolas também a cultura ficou mais forte. Espero que continue assim, né!?(Antonio Possidônio, Aldeia Boqueirão, 2016)

Antonio cacique em suas palavras fala um pouco de como foi gratificante tonto pra ele como pra comunidade ver novamente possibilidades de poder voltar a praticar vários hábitos antes praticados e com o passar do tempo de certa forma se sentiram obrigados a deixar quase tudo um pouco de lado. Esó foi possível também conseguimos também com a conquista da terra.

Após isso, a comunidade pode trabalhar a cultura sem receio de nada, na escola esta sempre trabalhando as danças, os cânticos, a pintura, as histórias e as brincadeiras com os nossos alunos junto com os outros conhecimentos, para que eles não percam as raízes.



Fotografia 7– momento de ritual na comunidade de Aldeia Tenda/ Rancharia, 2017
Aparecido Rodrigues

Fonte,

3.3 E,E, Indígena Kuhinãn Xacriabá/ Rancharia

Para implantar a Escola Kuhinãn na Aldeia Tenda/ Rancharia não foi muito fácil a comunidade teve correr atrás com muita persistência para que a escola funcionasse na comunidade. Para falar um pouco sobre esse processo entrevistamos o professor Eder Possidônio de Sousa, que é formado no curso de magistério indígena, da segunda turma, que atualmente esta fazendo o uma pós graduação em física no colégio Federal Instituto Federal de Minas Gerais (IFNMG) e trabalha na escola Kuhinãn nos anos finais do ensino fundamental em uma jornada que esta completando treze anos, no qual quatro deles teve a experiência de estar na direção da escola. E segundo sua fala.

“O processo de implantação da escola Indígena Rancharia aldeia Tenda, tem inicio com o reconhecimento da comunidade como povo indígena Xacriabá e com o processo de demarcação, em 2003 a terra é reconhecida como sendo indígena, e a comunidade já começa e reivindicar os direitos. Educação, saúde entre outros. Em 2003 no mesmo ano da homologação devido cobranças das lideranças e comunidade a secretaria de educação, conseguimos não a implantação de uma escola na comunidade, mas uma vinculação de turmas na Escola Estadual Indígena Bukumuju, para atender as crianças e jovens da comunidade de Rancharia”. (Eder Possidônio, Aldeia Tenda/ Rancharia, 2016,)

De inicio foi um pouco problemático por que os alunos do ensino fundamental anos iniciais estudavam na Escola Estadual Eliazar José Rodrigues que ficava do lado da comunidade que não era indígena, e esses alunos iriam sair da escola reduzindo o numero de aluno da escola quase pela metade.

Ai foi que as lideranças e nos professores junto com alguns professores da (UFMG) que trabalhavam com os alunos do magistério indígena se reuniram com a direção e professores da escola que os alunos estavam saindo e explicaram toda situação. Pois era um direito nosso e as coisas meio que se resolveram. Iniciando as aulas na casa que era a sede da fazenda do fazendeiro.



Fotografia 8 - antiga casa aonde era a sede do fazendeiro Zé Tinhô, onde primeiro funcionou a escola, 2017 Fonte, Aparecido Rodrigues

A comunidade estava passando por uma série de transformação pelas quais nunca havia passando, o reconhecimento da terra trouxe consigo umas séries de novas demandas então para começar as salas de aulas tiveram que ser no improvisado.

Então os alunos que estudavam na escola não indígena de 1ª a 4ª série do ensino fundamental anos iniciais, e moravam dentro da reserva indígena, passaram a estudar na reserva vinculados a Escola Bukumuju do Brejo Mata Fome, onde cinco professores indígena estaria atuando. De inicio os pais dos alunos tiveram um pouco de receio com a idéia dos professores trabalharem com seus filhos, por serem novos e apesar de estarem se preparando fazendo o magistério indígena, nunca tinha enfrentado um sala de aula, assim como também por parte dos professores houve sertã insegurança também devido os mesmos motivos, mas logo que começaram trabalhar e se engajaram mesmo passou o medo e os receios por parte de ambos. O que não diminuiu os problemas por que na comunidade não tinha prédio escolar e muito menos salas de aula para iniciar. (Eder Possidônio, Aldeia Tenda/ Rancharia, 2016,)

Começando na casa que era a sede do fazendeiro que saiu da terra e na igreja assim deu para trabalhar com os alunos durante um tempo. Mas a demanda estava sempre em crescimento por que iam vir mais crianças para a escola e o espaço não tava dando,

Em 2004 a comunidade consegue a implantação da E,E Indígena Kuhnã Xacriabá, nome indígena que foi dado pelo senhor Noliberto ... que era um dos ancião mais velho da comunidade. Assim os três professores que estavam parados começaram a trabalhar também, Mas a tendência era a demanda crescer por que as turmas iam aumentando gradativamente, e o que iniciou com as quatro turmas do fundamentai anos iniciais ano depois aumentaria mais turmas, e o espaço que já não era o suficiente não dava para atender os novos alunos, e a escola junto com a comunidade já reivindicava da secretaria de educação a construção de um prédio escolar. (Eder Possidônio, Aldeia Tenda/ Rancharia, 2016,)

Mas enquanto não saia a construção da escola a comunidade se reuniu e uniram forças para construir duas salas de aulas pois os alunos não podiam ficar parados sem estudar, e assim foi possível trabalhar com os alunos por mais um tempo.

Ao mesmo tempo já estavam acontecendo à formação dos professores indígenas pelo magistério indígena que estava acontecendo no Parque do Rio Doce no qual faziam parte da turma as oito pessoas da comunidade de Rancharia que foram escolhidos pelas lideranças e comunidade para fazer o curso do magistério e ta assumindo sala de aula.

Em 2008 finalmente foi construído a escola na comunidade, ai as coisas melhoram muito.



*Fotografia 9 – Escola construída no ano de 2009, na comunidade de Aldeia Tenda/ Rancharia, 2017
Fonte, Aparecido Rodrigues*

Com isso entramos em um longo processo de crescimento da educação na comunidade, e hoje atendemos dos anos iniciais e finais do fundamental ate os três anos do ensino médio, e o quadro de funcionários também cresceu juntamente com a demanda da escola.

3.3 Associação na comunidade de Rancharia

A associação antes funcionava na comunidade de São Bernardo, então os Xacriabá de Rancharia eram associados nessa associação de pequenos produtores junto com os brancos, logo depois da demarcação da terra, a comunidade se reuniu para criar uma na comunidade de Rancharia se desmembrando da que funcionava pelo lado dos brancos, e trouxeram para dentro da reserva, assim Hoje através da associação a comunidade, foi beneficiada com alguns projetos. Inclusive a própria associação, como diz a liderança Genivaldo Possidônio.

A associação da Aldeia Tenda/Rancharia foi criada em 1986 antes mesmo de ser terra indígena, funcionava na comunidade de São Bernardo, e tinha o nome de Associação dos Pequenos Produtores Rurais, depois da demarcação da Terra Indígena Xacriabá de Rancharia, essa associação se desmembrou do São Bernardo e criou uma só de indígenas, com o nome de Associação Indígena de Tenda. (Genivaldo Possidônio Aldeia Tenda/Rancharia 2016)

A partir daí a associação veio só crescendo cada vez mais. Hoje já tem muitos projetos dentro da aldeia, conseguido através da associação, segundo a liderança Genivaldo Possidônio.

Dentro da aldeia temos também a casa de farinha que é produzida pelos próprios moradores da comunidade, e também é no galpão onde é feito as reuniões da associação com a comunidade. Temos casa de medicinas tradicionais. E um granjeiro que foi mais dos projetos da associação, através da associação a gente vem fazendo serviços para a comunidade. (Genivaldo Possidônio, Aldeia Tenda/Rancharia, 2016).

A associação para comunidade é uma forma de melhoria da qualidade da vida do povo, nos dá mecanismo para trabalhar no meio rural. Outra característica importante da associação é que através dela o presidente junto com os associados e comunidade se unem para realizar uma festa para arrecadar fundos.

A associação vem realizando essa festa comunitária todos os anos para arrecadar dinheiro, dinheiro este que se destina para manutenção do galpão e manutenção dosequipamentos que é usado pela comunidade, o dinheiro que já foi

arrecadado foi usado para a compra de uma grade que é encaixado no trator para gradear roças.

Para que possa ser realizada essa festa anualmente é recebida uma ajuda dos associados, comunidade e prefeitura municipal de São João das Missões.

Também todos os anos no período das águas, quando o pessoal começa a fazer os plantios das roças a associação distribui milho e feijão para toda a comunidade, associados e não associados, para que seja realizado o plantio fazendo com que ninguém fique sem plantar.

Dessa forma podemos dizer que a associação é uma ferramenta muito importante de buscar melhorias para a comunidade, e isso só foi possível com a demarcação da terra.



Fotografia 10 – Casa de farinha da comunidade de Aldeia Tenda/ Rancharia, 2017

Fonte,

Aparecido Rodrigues

Considerações Finais:

Esse trabalho foi muito importante, porque nos possibilitou aprender muitas experiências sobre as histórias da luta pela terra, que nossos mais velhos carregam até hoje em suas memórias. Através da fala oral dos nossos mais velhos podemos perceber o quanto a terra é importante por carregar consigo uma série de vivências que não dá pra se ter sem terra.

São pessoas que tem um grande conhecimento em relação a nossa história por ter vivido ela e estar presentes para nos contar. Por isso nos interessamos por esse tema. A memória da luta pela terra indígena do povo Xacriabá, em específico Xacriabá de Rancharia.

Com esse trabalho queremos conhecer melhor e também tornar um pouco mais acessível essa história de luta dos nossos mais velhos, por que principalmente as gerações posteriores a essa luta, desconhecem essa trajetória, nosso objetivo é da mais visibilidade a importância ao saber, e valorizar a história de luta guardada nas memórias dos nossos anciões. Que é o que garante a nossa permanência na terra.

Mais tivemos algumas dificuldades para falar sobre essa memória, tivemos que conhecer um pouco mais sobre nos mesmos para podermos ser também agentes de nossa própria história.

Que com o andar da carruagem percebemos que talvez nada mais é do que não só viver a cultura Xacriabá e sim, sobretudo conhecer sobre nós mesmo, o quanto importante nossa relação com a terra, os animais, os lugares sagrados, os saberes tradicionais e as raízes que se criam com os cosmos, que estão todos relacionados com a terra, esses entre outros foram alguns dos motivos dos quais levaram nosso povo a ter sido por muito tempo tão resistentes as invasões no nosso território.

Para isso em nosso trabalho primeiramente apresentamos um pouco sobre o território e suas características, em seguida com base nesses princípios citados acima, buscamos um pouco resgatar a história do território Xacriabá mais em específico da conquista da terra indígena Xacriabá. Nesse sentido, buscamos relatar um pouco a luta pelo reconhecimento da primeira terra indígena demarcada. Procuramos relatar também as dificuldades das lideranças para comunicarem entre

se. Ainda nessa primeira parte apresentamos as perseguições e a chacina ocorrida com nossos líderes.

Na segunda parte, nosso foco já recaiu especificamente sobre a luta pela terra indígena Xacriabá Rancharia, a qual ainda não era homologada, mas se localizava dentro do território tradicional Xacriabá. Apresentamos um pouco questões relacionadas à origem do nome Rancharia. Esse nome se deu devido à lagoa de Rancharia e suas histórias. Lagoa essa, que era ponto de encontro de viajantes e a principal referência local. Falaremos também um pouco sobre os pioneiros que iniciaram a luta e em que momento deu início esse processo da luta TI Rancharia.

Na terceira parte desse trabalho, enfatizamos as conquistas e os desafios após a demarcação da TI Xacriabá Rancharia. Território esse, que nos possibilitou desenvolver nossa cultura e usufruir da terra e seus recursos naturais. Ainda nessa parte, abordamos os desafios de implantar uma escola indígena diferenciada, uma associação indígena e água encanada na comunidade.

Por fim uma vez que, ainda há Xacriabá de fora das terras demarcadas, direcionaremos uma parte para os problemas do território que ainda precisa ser demarcado. Inclusive, existe um movimento incessante dentro do território Xacriabá de retomada ou ampliação das terras indígenas.

Retomada: Ampliação Território Indígena Xacriabá

Mesmo após muitas conquistas ainda há grande parte do território de fora da terra indígena Xacriabá. Nesse sentido a uma movimentação incessante dos Xacriabá para retomarem estas áreas. Onde estão incluídas as seguintes comunidades: São Bernardo, Remanso, Ilha do Capão, Morro Vermelho, Caraíbas e Vargem Grande. Com isso essa área compreendida se estende ate as margens do Rio são Francisco.

Este território a ser homologada é uma parte de todo o território xacriabá, que por sua vez houve erros no seu estudo antropológico, deixando de fora esta parte reivindicada pelos Xacriabá, que teve o seu estudo antropológico em 2014 pelo antropólogo Jorge Luiz de Paula. Na qual ainda aguardamos a concretização da homologação deste território.

Para ter noção do quanto e grande o território a ser demarcado apresentamos abaixo um pequeno trecho da proposta do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) Xacriabá.

A Terra Indígena Xacriabá, com 46415 hectares, homologada pelo decreto 94608, DE 14 de julho de 1987; e a Terra Indígena Xakriabá Rancharia, com 6798 hectares, homologada por decreto de 05 de maio de 2003, situam-se ambas nos municípios de São João das Missões e Itacarambi, Minas Gerais.

A esse conjunto integrado de 53074 hectares deve se acrescentar ainda a recém publicada redelimitação da Terra Indígena Xacriabá, pelo despacho 81, DE 19 DE SETEMBRO DE 2014, da Presidência da Funai, que vem adicionar mais 43357 hectares ao conjunto original

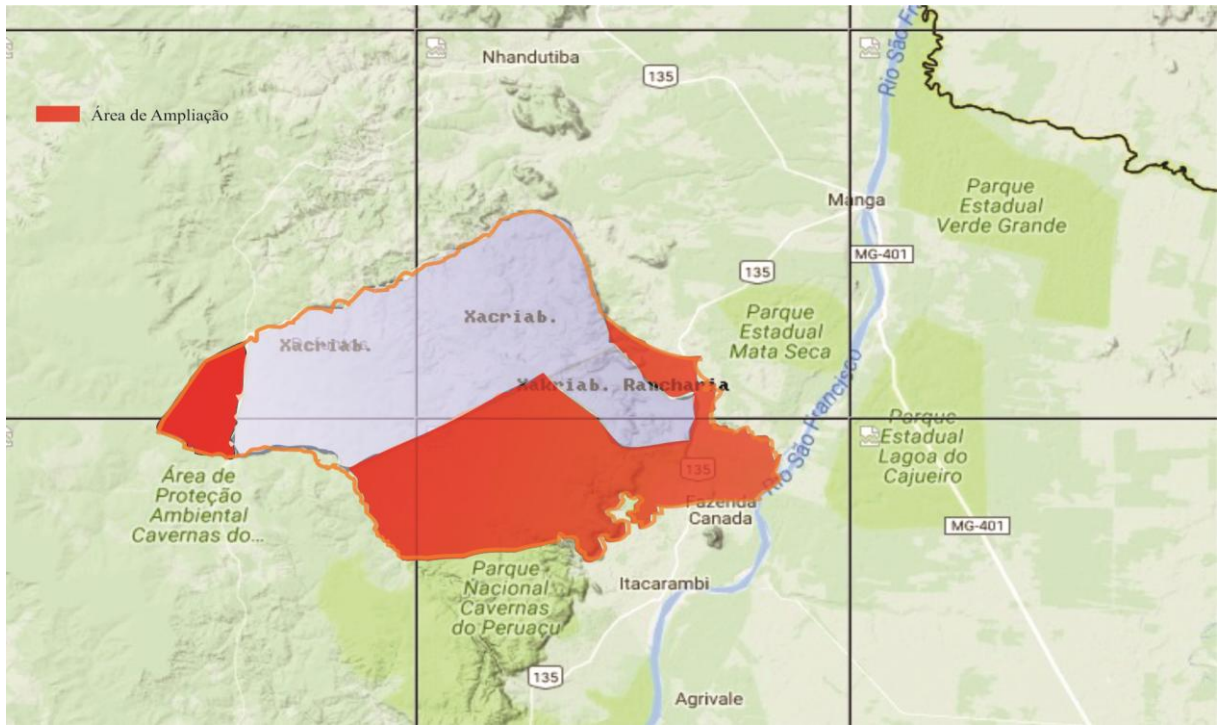
Esta área tem grande importância para nós Xacriabá por sua riqueza e concentração de água. Segundo os relatos dos mais velhos, no tempo da seca os xacriabá desciam para as margens do rio são Francisco, onde encontravam alimentos, como caça pescas e frutos, e neste mesmo período o cerrado entrava em produção e reprodução dos animais. Assim que se terminava o período da seca e se iniciava o período chuvoso os xacriabá retornavam para o cerrado, para evitar a enchente do rio e por encontrar muitos alimentos para sobreviver e fazer o cultivo das roças.

A terra indígena xacriabá se localiza nos municípios de São João das Missões e Itacarambi, mais com a nova demarcação a ser conquistada ela ocupara além destes já citados, os municípios de Januaria e Conego Marinho. Nesta nova demarcação abrange uma pequena parte do atual Parque Estadual Cavernas Do Peruaçu, muito conhecido por suas enormes cavernas e principalmente por suas grandes pinturas indígena pinturas magníficas desenhados por todas suas cavernas.

Em 2015, surge o Plano de Gestão Territorial e Ambiental xacriabá (PGTA) desenvolvido pela ANAI (Associação Nacional de Ação Indígena), na qual selecionou 16 indígenas xacriabá para serem os pesquisadores do PGTA, esta seleção ocorreu em setembro de 2015 através de oficinas, oficinas essa que preparou os pesquisadores para manusear GPS, computadores, programas de computadores e criação de mapas.

Após essa primeira oficina os pesquisadores xacriabá decidiram o roteiro que queriam seguir e os principais lugares históricos que queriam ser explorados, e que de certa forma trouxesse um novo olhar sobre a comunidade, dentre esses lugares históricos como: casas antigas, engenhos, associação, casas das lideranças, casas dos mais velhos da comunidade, rios, riachos, lagoas, nascentes, estradas, carreiros, roças, matas primarias e secundarias e pela grandes concentrações de animais e as aldeias.

Portanto buscamos mostrar o quanto precisamos de todo nosso território para desenvolver nossa cultura tradicional, atividades produtivas, e para atender a demanda da população que ao longo desses anos vem crescendo cada vez mais.



Mapa 4- Áreas de retomada, representada pela cor vermelha delimitadas ate as margens do Rio são Francisco Fonte, FUNAI

O mapa citado a cima, representa com a cor vermelha as áreas que estão sendo reivindicada pelo nosso povo Xacriabá.

Anexo

Entrevistados

Os Primeiros a iniciar a luta pela T.I Xacriabá Rancharia



Cacique Antonio Possidônio Ald. Boqueirão 2016 Cacique Agenor Lopes Ald. Tenda/Rancharia 2014



Dona Josefina (Donda) Aldeia Tenda/Rancharia 2016



Dona Antonia Lopes Aldeia Tenda/Rancharia 2016



João Pereira Neto (in memorian) Aldeia Tenda Rancharia 2015



Dona Rosa Pereira (in memorian) Aldeia Tenda/Rancharia 2015



Maria das Graças Aldeia Tenda/Rancharia 2016



Dona Maria de Oliveira Aldeia Tenda/Rancharia 2017



Maria Ângela Aldeia Tenda/Rancharia 2016

Referências bibliográficas:

- CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação, Aconteceu, Especial 18, Povos Indígenas no Brasil 1987 / 88 / 89 /90,
- Santos, R.E Barbosa, S. Memória Xakriabá: migração e mudanças alimentares. Em Ateliê Geográfico. V.6, N. 2012, Goiânia – Go.
- Cedepes/ Cimi::povos Indígenas no Brasil 1987/90:: Aconteceu Especial 18:: CEDI:: Centro de Documentação e Informação.
- ALMEIDA, Rita Heloísa. Xakriabá – Cultura, História, Demandas e Planos (2005,p.20)
- SOUZA, Antonio Possidônio. Entrevista Sobre a Luta pela Terra Xacriabá de Rancharia, [2015]. São João das Missões: Aldeia Boqueirão. Entrevista concedida aos autores.
- OLIVEIRA, Maria. Entrevista sobre as Danças de antigamente antes da chegada dos brancos. [2016]. Aldeia Tenda/ Rancharia. Concedida aos autores.
- LOPES, Agenor. Entrevista sobre a Associação e a Comunidade de Rancharia, [2016]. Aldeia Tenda/Rancharia. Concedida aos autores.
- POSSIDÔNIO, Genivaldo. Entrevista sobre o funcionamento da Associação e o Saneamento Básico na Comunidade, [2016]. Aldeia Tenda/Rancharia. Concedida aos autores.
- LOPES, Antonia. A Lagoa como fonte de vida e História do nosso povo Xacriabá/ Rancharia, [2016]. Aldeia Tenda/ Rancharia. Concedida aos autores.
- SOUSA, Eder Possidônio. A implantação da E.E, Indígena Kulinã Xacriabá/ Rancharia, [2016]. Aldeia Tenda/ Rancharia. Concedida aos autores.
- LOPES, José Pereira. Relatos sobre conflitos entre não índios e índios, [2015]. Seminário Belo horizonte. Concedida aos autores.

- RODRIGUES, Maria Angela. Relatos de conflito de posseiros e indígenas, envolvendo seu pai, Manoel Gomes, na disputa de terras,[2015]. Aldeia Tenda/ Rancharia. Concedida aos autores.
- NETO, João Pereira. Atividades Produtivas e uso dos Recursos Naturais, [2015]. Aldeia Tenda/ Rancharia. Concedida aos autores.
- SANTOS, Rosa Pereira. Atividades Produtivas e uso dos Recursos Naturais, [2015]. Aldeia Tenda/ Rancharia. Concedida aos autores.
- OLIVEIRA, Domingos Nunes. Relatos sobre conflitos entre não índios e índios, [2015]. Seminário Belo horizonte. Concedida aos autores.